

# amadora de *Outros Tempos*

Por *Alves Silva*

## INDÚSTRIA E CULTURA

A Falagueira tem ruas e travessas a recordar a indústria e muito do que ali se produziu dos anos cinquenta, bem como a Venda Nova, zonas de fábricas e, por conseguinte, de emprego para muitos amadorenses. Hoje não é assim e muitas dessas empresas deixaram de laborar, cujas razões são bem conhecidas. Falagueira e Venda Nova tinham a maior parte das fábricas existentes na Amadora.

Mas não é esse o motivo desta crónica, mas sim trazer até aos leitores um pouco de história de algumas artérias da velha Falagueira, cuja terra se ignora quando foi fundada, mas pelas suas boas condições, o espaço que ocupa deve ter sido povoado há muitos séculos. O escrito de hoje tem apenas a ver com uma artéria, ainda com fábricas e também com a cultura. Estamos a referir-nos à

### RUA DAS INDÚSTRIAS

Rua concorrida de veículos quante basta, nela está a Fábrica da Cultura. Desactivada a Cometna, a fábrica foi, em parte, transformada, pela Câmara Municipal da Amadora, em espaço cultural, daí a designação feliz de "Fábrica da Cultura" e muitos eventos têm ali ocorrido, um dos quais o certame de Banda Desenhada a realizar-se em Outubro e a respeito do qual já fizemos notícia alargada.

O espaço, Fábrica da Cultura, tem boas proporções, mas vários factores retiram-lhe alguma projecção: por um lado a rua é estreita, pouco movimentada de pessoas (do lado direito passa o velho aqueduto das águas livres); por outro os que passam de carro vão com pressa e nem reparam.

No século passado, esta artéria (com outro nome) ficava a pouca distância do tradicional sítio do coelho guisado da Porcalhota, nos baixos do prédio da Rua Elias Garcia, n.ºs 152 a 156, já desaparecido. Deu relevo a este restaurante o proprietário Pedro Franco. O "Pedro dos Coelhos" perpetuado como uma artéria ali perto.

A Rua das Indústrias é longa a ligar a Falagueira à Damaia. A história desta rua está nas fábricas que ali estiveram instaladas, uma delas a Sorefame ainda em laboração. Perto temos a

### RUA DOS MOINHOS (LAGUEIRO)

Resquícios do dito ainda lá estão e aqui, segundo alguns historiadores, teria nascido o nome de Reboleira, derivado de um morro ali existente em forma de rebolo, mas também pode ter surgido de uma densa seara. A Reboleira actual tinha a designação de quinta do Casal Brandão. Outros historiadores admitem também ter sido um proprietário do século XIII a dar o nome ao local, de seu nome Vasco Martins Rebolo, sobre o qual também já falámos nestas colunas.

Este Vasco Martins doou ao mosteiro de Santíssima Trindade todas as suas terras aqui existentes para a construção do dito mosteiro.

A Travessa da Reboleira está por perto, como começo na Rua Elias Garcia. "Pois é na encosta desse monte, para o lado sul, que fica a Reboleira (António Santos Coelho -1982)

### A JUVENTUDE MERECE MELHOR

Isto a propósito de uma praceta existente nas imediações com o nome de Praceta da Juventude. Fica nas traseiras de uns prédios, com alguns armazéns. Artéria secundária e escondida pelo que o aproveitamento não teria sido o mais feliz.

### AINDA O TOPÓNIMO REBOLEIRA

Como atrás se disse, alguns historiadores têm levantado a questão quanto ao topónimo Reboleira.

Vamos ver o que nos diz Martinho Simões no seu livro "O Concelho da Amadora":

... Vou referir-me, um pouco mais desenvolvidamente, à antiga **Quinta do Casal Brandão** à sua urbanização e denominação. Parece-me que se justificam referências especiais à localidade em causa, uma vez que nela se situam os terrenos que foram objecto da doação com que foi beneficiado o Município. Mais tarde, quando dos comentários e observações finais, voltarei a aludir à dita localidade, já revestida dos seus foros de freguesia autónoma. Isto em conjunto, numa apreciação pessoal e genérica da reforma institucional da vida administrativa da região da Amadora, confirmando, deste modo, o que disse nas últimas três linhas do capítulo I deste meu despretensioso estudo e tendo em vista o preceituado nas Leis nos. 45 e 58, ambas do ano lindo de 1979, pelas quais se criou o concelho e se instituiu a cidade.

Por mim, nunca chamaria "Reboleira" a esta parte territorial do concelho porque tal denominação não tem razões ou raízes profundas que a justifiquem. Os "construtores", ou "urbanizadores", adoptaram-na por si próprios, sem qualquer intervenção oficial, designadamente a da Câmara de Ceiras, pois seria esta a instância pública competente para tomar a iniciativa.

A Reboleira propriamente dita ainda hoje tem este nome e tê-lo-á sempre; é um pequeno monte arredondado, em forma de rebolo, que fica a leste na antiga "Quinta do Bosque" (já urbanizada), junto e do lado sul da Rua Elias Garcia. Esteve ali implantado o secular "Chafariz da Porcalhota" construído pela Câmara Municipal de Lisboa, em 1850, quando o lugar pertencia ao extinto "termo" da Capital. Lá está ainda hoje devidamente assinalada com o respectivo letreiro, a "Travessa da Reboleira", que liga o pequeno monte à mencionada Rua. Também dali parte, em direcção aos arcos do aqueduto, que passa perto, do lado sul, um caminho denominado "Estrada da Reboleira".

Como se vê, todos estes sítios estão ligados à "Reboleira" pela sua designação, na antiga "Porcalhota".

Volto dos nomes "Reboleira" e "Casal Brandão", para acrescentar que ainda em tempos recentes, na escritura de doação, em 1960 nos discursos pronunciados a propósito na imprensa, na propaganda dos "construtores", figura sempre, em primeiro lugar o **Casal Brandão**.

Presentemente esta questão já não existe, porque a denominação de "Reboleira" foi consagrada e oficializada, expressamente, pela citada Lei n.º 45/79. O caso é agora irreversível. Não poderá haver alterações ou mudanças.

A Reboleira é, hoje, uma pequena freguesia - a menor das oito que compõem o novo concelho. A sua área não chega a atingir um quilómetro quadrado.

São onze, agora, o número de freguesias.